

O textiel / “infotexto” e a enunciação editorial

*The textiel / “infotext” and the
editorial enunciation*

Maria Eduarda GIERING (UNISINOS)
eduardajg@gmail.com

Juliana Alles de Camargo de SOUZA (UNISINOS)
julianaacs@gmail.com

Recebido em: 20 de jan. de 2022.
Aceito em: 02 de mar. de 2022.

GIERING, Maria Eduarda; SOUZA, Juliana Alles de Camargo de. O textiel / “infotexto” e a enunciação editorial. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2408, p. 18-33, out./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2408.

Resumo: No âmbito dos estudos da Análise do Discurso Digital proposto pela linguista Marie-Anne Paveau (2021), a noção de texto é problematizada, tendo em vista o texto digital nativo, endêmico do ecossistema digital, exigir um olhar diferenciado, já que é fruto de um compósito de linguagem e tecnologia. A autora afirma que a linguística tradicional, ao estudar o digital, ainda se vale de conhecimentos e métodos ligados aos textos impressos, enquanto o texto digital nativo exige um enfoque diferenciado pela dimensão técnica envolvida. Mayeur & Paveau (2020) propõem que se utilize a noção de *textiel*, que contemplaria o contínuo entre técnica e linguagem, inserindo fatores de natureza informática. O objetivo deste artigo é expor essa proposta e, a partir dela, pensar sobre a complexidade que envolve o texto em rede. Trazemos as noções de enunciação editorial e de arquiteito (JEANNERET; SOUCHIER, 1998) e as implicações dessas instâncias, que envolvem enunciadores humanos e não humanos, para o estudo dos textos conectados em rede.

Palavras-chave: Texto digital. *Textiel*. Enunciação editorial. Arquiteito. Infotexto.

Abstract: In the field of Digital Discourse Analysis proposed by the linguist Marie-Anne Paveau (2021), the notion of text is questioned, once the native digital text, endemic from the digital ecosystem, requires a differentiated perspective, being the result of a composition of language and technology. The author claims that traditional Linguistics still applies knowledge and methods attached to printed texts when studying the digital environment, while the native digital text requires a vision guided by the technical dimension involved. Mayeur & Paveau (2020) suggest the use of the *textiel* notion, which contemplates a continuum between technique and language, embedding computer factors. This paper aims to present this proposal and, from this context, to reflect upon the complexity that involves the on-line text. We entail the notions of editorial enunciation and architext (JEANNERET; SOUCHIER, 1998) and the implication of those instances, which involve human and not-human enunciators, for the study of on-line texts.

Keywords: Digital text. *Textiel*. Editorial enunciation. Architext. Infotext.

Introdução

Ao adentrarmos o universo digital, onde se produzem textos no teclado e onde se encontram gêneros emergentes nativos da digitalidade, de imediato, percebem-se mudanças significativas que demandam a necessidade de estudos específicos em busca de epistemologias pertinentes.

Os textos on-line impõem-nos problemas de linguagem situados na interface com a tecnologia digital. A despeito disso, as ciências de linguagem, incluindo a Linguística Textual, ao voltarem-se para o texto digital, ainda utilizam ferramentas de análise teórico-metodológicas orientadas para textos impressos. No entanto, como alerta Paveau (2015), diante da composição tecnolinguageira que distingue o discurso digital, urge considerar características constitutivas dos discursos digitais nativos, entre as quais destacamos a relacionalidade, ou seja, o fato de o discurso digital estabelecer relações em diversos níveis: com outros tecnodiscursos, com os aparelhos, com outros escritores (PAVEAU, 2021).

Neste contexto marcado pela mistura inseparável de linguagem e tecnologia, insere-se o desafio de dar conta de uma concepção de texto que permita contemplar a dimensão digital dos processos de textualização nos ecossistemas conectados, isto é, nativos, que organizam textualidades que não existem fora desses espaços, como destaca Paveau (2015).

Tal perspectiva leva a Análise do Discurso Digital (doravante ADD), que descreve e analisa o funcionamento das produções languageiras nativas

da internet, conforme Paveau (2021), a demandar uma ecologia do discurso, já que todo o ambiente onde se materializa o discurso torna-se objeto de análise e este, agora, passa a ser um tecnodiscurso. Além dos componentes tecnológicos das formas nativas digitais, a elaboração dos discursos *on-line* integra gestos tecnoenunciativos, uma vez que exige do leitor-usuário, para que o texto aconteça, que clique, role, tecle etc., conforme destaca Jeanneret *et al.* (2003). A ecologia do discurso também se apresenta em função da dimensão relacional inerente ao discurso digital, pois todos os enunciados são potencialmente ligados uns aos outros, em graus variados e em diversas configurações. Destacamos aqui as relações estabelecidas com outros aparelhos, já que a natureza compósita dos discursos digitais faz com que enunciados sejam coproduzidos com a máquina (PAVEAU, 2021).

O discurso digital nativo ocorre *on-line* e compreende diferentes aparelhos, interfaces, plataformas ou ferramentas de escrita (PAVEAU, 2021). Para dar conta dessa complexidade, a ADD postula uma linguística simétrica, qualificativo advindo dos estudos de Bruno Latour, que propõe uma perspectiva que advoga o mesmo *status* e atenção para os atores humanos e não humanos. Os objetos também têm agência, o que significa “estar associado de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas” (LATOUR, 2012, p. 158).

Assim, uma linguística simétrica dá lugar equivalente ao languageiro e ao não languageiro (ao tecnológico digital), assumindo concepção compósita da língua e do discurso, o que significa compreender que os discursos são constituídos de matéria mista, languageira e tecnológica, de natureza informática. Para Paveau (2021), ocorre, na verdade, um contínuo entre as matérias languageiras e seus ambientes de produção, ou seja, existe relação ininterrupta e inseparável entre linguagem e tecnologia. É esse contínuo que se apresenta como objeto de análise e não somente a matéria languageira. Diante disso, impõe-se o estudo dos textos digitais nativos com aparato teórico-metodológico diferentes do vigente para os textos pré-digitais.

O texto digital impõe que se o encare como objeto complexo, que implica, segundo Jeanneret *et al.* (2003), inevitavelmente, sua dimensão técnica, ou seja, uma “textualidade tecnicizada”¹ (JEANNERET *et al.*, 2003, p. 99). Isso significa considerar, entre outros, sua materialidade tecnolinguageira, seu caráter polissemiótico – ao mobilizar, em uma mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada, som – além de um engajamento corporal obrigatório e a multiplicidade de modelos culturais que ele evoca.

¹ Textualité technicisée.

Como salienta Paveau (2015), assumindo a noção de Jeanneret *et al.* (2003), a dimensão digital dos processos de textualização nos ecossistemas conectados organiza textualidades que não existem fora desses espaços. Bachimont (2000) postula a existência de uma razão computacional, que atua sobre o conjunto das atividades ligadas à escrita digital. Nesse sentido, Paveau chama atenção para restrições de duas ordens que a técnica impõe à escrita digital:

[...] no nível macro, trata-se de determinismos dos formatos próprios aos dispositivos de escrita; em um nível micro, trata-se de da natureza dos elementos linguageiros em contexto digital que integram intrinsecamente uma dimensão técnica (a dimensão compósita dos elementos tecnolinguageiros). (PAVEAU, 2021, p. 186).

No nível macro, atuam diferentes formatos de plataformas digitais variadas (como Facebook, Instagram ou Twitter, por exemplo); e no nível micro, recorre-se a elementos tecnolinguageiros, como tecnopalavras (caso da *hashtag*), por exemplo.

O compósito linguagem e tecnologia próprio do texto digital repercute no fato de que agentes humanos e não humanos intervêm na constituição desse texto marcadamente diferente daquele que antes era somente impresso. A razão computacional se insere como um elemento incontornável. Souchier (1998) propôs empregar o termo “enunciação editorial” para dar conta das mediações a que o texto digital está sujeito, considerando a prática editorial em jogo nas mídias informatizadas. Pensar a enunciação editorial é, segundo Cotte (2004, p. 110), “apreender o texto não apenas como texto escrito, mas como objeto ‘polifônico’, objetivado sobre um suporte material”². Para o autor, é preciso convocar as condições de produção, em sentido amplo, do texto.

Considerando o conjunto teórico da ADD postulado por Paveau (2021) e estudos de autores que levaram a linguista a compor essa teoria, objetivamos, neste artigo, apresentar algumas noções que impactam nas características constitutivas do texto digital, as quais reúnem, ao mesmo tempo, considerações técnicas e languageiras, de acordo com uma visão simétrica proposta pela noção de ambiente digital, na qual “os agentes produtores de enunciados estão distribuídos no conjunto do ambiente” (PAVEAU, 2021, p. 49).

² [...] il s’agit d’appréhender le texte non pas uniquement comme texte écrit, mais comme objet «polyphonique», objectivé sur un support matériel [...].

Para empreender este estudo, foi instigante a aproximação com a noção de *textiel*, palavra francesa composta pela contração de *texte* + *logiciel*, correspondendo a texto + *software*. A adoção de *textiel* foi proposta por Mayeur e Paveau (2020) para tratar do texto digital a fim de contemplar a “textualidade técnica”³, em que o texto, um objeto tanto linguístico quanto técnico, é manipulável e faz parte de uma rede de relações (MAYEUR; PAVEAU, 2020, p. 2).

Procurando vincular à constituição do *textiel*, contemplamos, na sequência, o conceito de enunciação editorial, que emerge dos estudos sobre a textualidade conectada.

Do ponto de vista metodológico, esta exposição-reflexão se caracteriza por ser uma pesquisa bibliográfica, que intenta levantar os vários conceitos envolvidos.

Enunciação editorial, arquitexto e as camadas de texto

Com o intuito de refletir sobre a importância da enunciação editorial para a concepção de texto digital, partimos dos postulados de Cotte (1999; 2004), para quem todo dispositivo informatizado se articula, ao menos, em dois níveis:

[...] uma parte visível, oferecida em dispositivos de leitura altamente técnicos (telas), e uma parte invisível composta por dispositivos de programação, organização e transferência. O que é chamado de “escritas para a tela” (SOUCHIER, 1996) tem esse alto grau de complexidade.⁴ (COTTE, 2004, p. 110).

Pesquisando sites da internet, Cotte (2004, p. 110) observou uma estrutura de “tripla dimensão, semiótica, tecnológica e antropológica, que é estruturante e flexível para a compreensão da realidade desse objeto difuso e móvel que é a escrita na tela”. É preciso considerar, segundo ele: (1) os objetos na tela como textos, acentuando a dimensão gráfica e icônica constitutiva do texto digital; (2) os dispositivos técnicos para a produção dos textos como elementos constitutivos e não como acessórios; (3) os modos de apreensão pelos quais os usuários manuseiam esses textos.

Cotte convoca a noção de enunciação editorial idealizada por Souchier (1998) para tratar da complexidade em jogo no texto

³ Textualité technicisée

⁴ [...] une partie visible, offerte sur des dispositifs de lecture fortement technicisés (les écrans) et une partie invisible formée des dispositifs de programmation, d'organisation et de transfert. Ce que l'on appelle les « écrits d'écran » (Souchier, 1996) relèvent de ce haut degré de complexité.

digital, em que “as condições de produção reagrupam, num equilíbrio complexo, o que se revela, ao mesmo tempo como um sistema de signos, um sistema técnico e uma lógica de usos” (COTTE, 2004, p. 110).

Jeanneret e Souchier (2005) explicitam o que compreende a noção de enunciação editorial:

[...] designa o conjunto daquilo que contribui para a produção material de formas que conferem ao texto sua consistência, sua “imagem de texto”. É um processo socialmente determinado, que permanece em grande parte invisível ao público, mas que pode ser apreendido através das marcas que imprimem as práticas constitutivas de elaboração, de constituição ou de circulação dos textos [...] De modo mais fundamental, a enunciação editorial é o que faz o texto existir materialmente, socialmente, culturalmente....aos olhos do leitor (JEANNERET; SOUCHIER, 2005, p. 6)⁵.

Paveau (2021), com base nessa definição, destaca o fato de que a enunciação editorial assinala um modo de elaboração plural do texto, em que se manifesta uma verdadeira polifonia enunciativa de vozes humanas e não humanas.

Ao considerar a enunciação editorial, que permite dar formatação ao texto na tela, Cotte postula estarmos, na verdade, diante de dois textos: um texto segundo, cujo significante não é composto de linguagem, mas “pela materialidade do meio e da escrita, pela organização do texto, sua formatação, enfim por tudo o que o torna materialidade” ⁶ (COTTE, 2004, p. 110) e um texto primeiro, que só existe por meio do segundo, que dá sua formatação. Jeanneret e Souchier (2005) chamam a atenção para o dispositivo técnico que “transforma e condiciona” o processo da escrita eletrônica, considerando que a tela não é um simples suporte de signos, mas “um lugar onde os signos encontram sua forma e organização” ⁷(JEANNERET; SOUCHIER, 2005, p. 5).

⁵ Elle [l'enonciation éditoriale] désigne l'ensemble de ce qui contribue à la production matérielle des formes qui donnent au texte sa consistance, son « image de texte ». Il s'agit d'un processus social déterminé, qui demeure largement invisible du public, mais qui peut néanmoins être appréhendé à travers la marque qu'impriment les pratiques de métiers constitutives de l'élaboration, de la constitution ou de la circulation des textes. [...] Plus fondamentalement, renonciation éditoriale est ce par quoi le texte peut exister matériellement, socialement, culturellement... aux yeux du lecteur.

⁶ [...]par la matérialité du support et de l'écriture, l'organisation du texte, as mise en forme, bref tout ce qui en fait l'existence matérielle » (id.).

⁷ [...] l'écran n'est pas un simple support de signes, c'est aussi, et surtout peut-être, un lieu où les signes trouvent leur forme et leur organisation.

Diante disso, Cotte observa a necessidade de se examinar a “espessura” do texto, isto é, atentar para “o lugar entre o que aflora na tela e os mecanismos profundos que regem essa enunciação”⁸ (COTTE, 2004, p. 111).

Essas considerações nos levam à noção de arquiteyto, que designa as ferramentas que permitem a existência de uma escrita na tela, as quais não apenas estruturam o texto, mas também comandam sua execução e realização. Ou seja, “o texto surge do arquiteyto que baliza sua escrita”⁹ (JEANNERET; SOUCHIER, 1998, p. 98)

Como ponderam Candel, Jeanne-Perrier e Souchier (2012), o arquiteyto coloca à disposição do usuário “formas” que ele poderá manipular e mobilizar nas estruturas de um site. Estas são criadas a partir de ferramentas que oferecem *layouts* padronizados, o que pode se relacionar a uma padronização crescente dos projetos editoriais.

Dentre as ferramentas textualizantes que atuam no nível macro das restrições que a técnica impõe ao digital, encontram-se os formatos CMS (*Content Manager System*) e o API (*Application Programming Interface*).

O CMS se caracteriza por ser um *framework*, isto é, um pacote de códigos prontos que podem ser utilizados no desenvolvimento de aplicativos e sites. Segundo Charleaux (2021), o CMS é um sistema de gerenciamento de conteúdos, ou seja, um software que fornece as ferramentas para o usuário construir um site sem precisar ter conhecimento de códigos de programação. O programador explica:

Com interfaces amigáveis, [o CMS] permite que qualquer pessoa gerencie e publique conteúdos em uma página com design personalizado. O usuário apenas precisa baixar ou comprar modelos e extensões com os códigos prontos. (CHARLEAUX, 2021, n.p.)

O principal objetivo do CMS é facilitar a publicação e o envio rápido de projetos que apresentem um aspecto quase profissional e gerenciar facilmente seus desenvolvimentos, esclarece Jeanne-Perrier (2005).

Um exemplo de CMS que circula muito no Brasil é o Wordpress, um sistema empregado para administrar sites, blogs, lojas virtuais, portais de notícia, áreas de membros e outros tipos de página. O

⁸ [...] le lien entre ce qui affleure à l'écran et les mécanismes profonds qui régissent cette énonciation.

⁹ Le texte naît de l'architexte qui en balise l'écriture.

Wordpress permite, segundo Souza (2019), adicionar, programar e editar posts para o site ou blog criado; inserir e editar arquivos de mídia, como imagem, vídeos e áudios; criar novas páginas, menus, categorias e tags para o site; moderar comentários de visitantes, editar a aparência do site, entre outras funções.

Essas ferramentas de escrita, que oferecem formas e tipos de práticas editoriais, como vemos, possuem todas as características descritas na noção de arquitexto enquanto categoria estruturante.

O formato API, por sua vez, é, de acordo com Fabro:

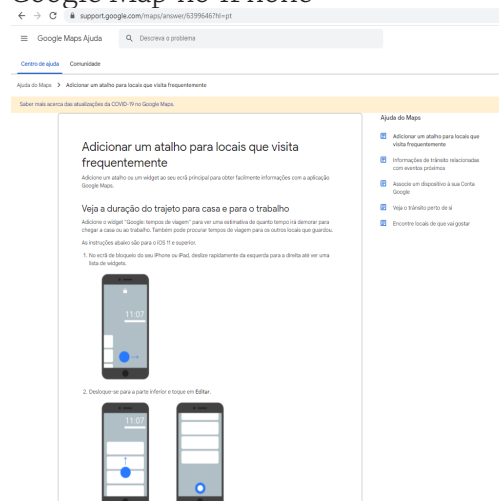
[...] um conjunto de padrões que fazem parte de uma interface e que permite a criação de plataformas de maneira mais simples e prática para desenvolvedores. A partir de APIs é possível criar softwares, aplicativos, programas e plataformas diversas (FABRO, 2020, n.p.).

As APIs são a forma como os programas de computador “conversam” entre si para trocar informações. No WhatsApp, a API está presente, por exemplo, em *widgets*¹⁰ na integração da lista de contatos salva no dispositivo com os contatos do aplicativo. No Facebook, ela se apresenta, por exemplo, na integração com o Instagram, que permite que fotos postadas no aplicativo também sejam postadas automaticamente no Facebook.

Na Figura 1, trazemos uma página da Plataforma do Google Maps, que vende o aplicativo para empresas que queiram comprar esse serviço. Trata-se de uma API de que se vale um desenvolvedor – alguém que escreve programas de computador – caso queira criar um aplicativo de serviços. Por exemplo, se ele deseja usar um mapa do Google Maps em sua página da web, ele pode se identificar ao Google, fazer uma solicitação à API para acessar este mapa base e, assim, ter o *widget* disponível em seu site.

¹⁰ *Widget* é um componente que pode ser utilizado em computadores, celulares, tablets e outros aparelhos para simplificar o acesso a um outro programa, aplicativos ou sistema. Eles geralmente contêm janelas, botões, ícones, menus, barras de rolagem e outras funcionalidades, conforme Gaiato (2021).

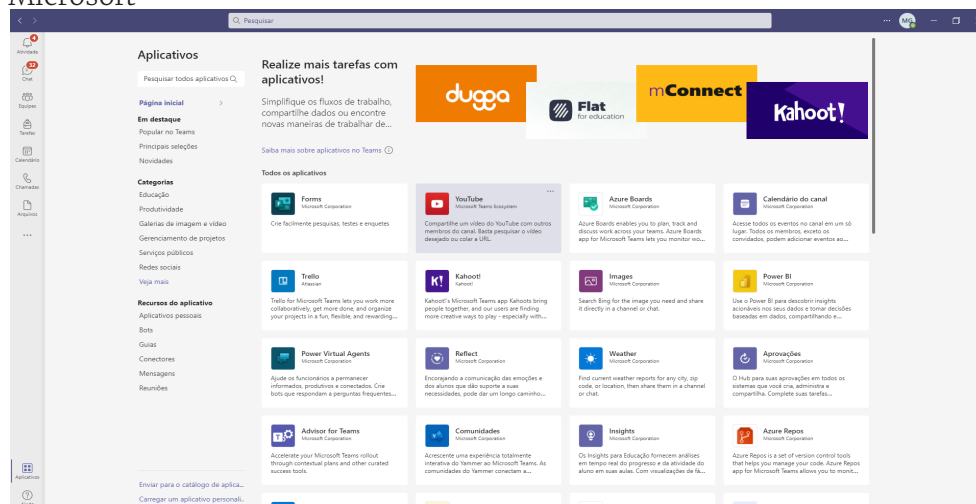
Figura 1 – Imagem do suporte Google Maps Ajuda para inserção do *widget* Google Map no iPhone



Fonte: Captura de tela realizada pelas autoras no site Google Maps Ajuda.

Botões de “curtir”, aplicativos diversos em diferentes páginas web, todos são tecnossignos que, quando clicados, levam o usuário a outras plataformas (Figura 2). As APIs são geradas por interfaces de programação, criando formas, os *widgets*, as quais, como salienta Goyet (2017), são ferramentas de escrita computacional que integram a cadeia de produção de textos em rede.

Figura 2 – Aplicativos – *widgets* – ofertados na plataforma Teams¹¹ da Microsoft



Fonte: Captura de tela realizada pelas autoras na plataforma Teams da Microsoft.

¹¹ O Microsoft Teams é uma plataforma unificada de comunicação e colaboração que combina bate-papo, videoconferências, armazenamento de arquivos e integra ao pacote de produtividade Office 365.

Para Goyet (2017), as APIs propõem uma concepção do texto como um conjunto abstrato de blocos combináveis. Os *widgets*, essas formas-texto permitidas pelas APIs, seriam vetores privilegiados de modularidade em rede.

CMS e API são ferramentas textualizantes, porque, conforme Després-Lonnet (2020), os softwares de desenvolvimento de sites – ou arquitextos – usam uma linguagem codificada, que permite a produção de um outro texto. Dessa forma, haveria um texto dentro de outro texto – em subcamadas técnicas. Essa postulação vem ao encontro da ideia de Cotte (2004) da existência de um texto “segundo”, que permite a materialidade do texto “primeiro”, como vimos anteriormente.

Um aspecto essencial relativo a essas ferramentas, salientado por Goyet (2017), é o fato de que elas não podem ser vistas apenas como uma “versão para o computador” de uma página web, pois se baseiam em outras culturas de texto e em outros conhecimentos profissionais. Como explica Souchier (1998, p. 142), “um texto é o lugar de uma enunciação coletiva por trás da qual se afirmam funções, profissões, indivíduos... E onde inevitavelmente estão ligadas as questões de poder.”¹²

Essa é também a posição de Després-Lonnet (2020), para quem as ferramentas técnicas produzem textos em modalidades possíveis de organização, as quais levam em conta as experiências dos usuários, saberes imaginários, procedimentais de outras áreas da cultura escrita, evidenciando sua dimensão social. Um e-book, por exemplo, é oferecido ao usuário como uma versão digital do livro físico, que pode ser lido em equipamentos eletrônicos, mas o formato de livro é apenas uma imitação de uma forma de leitura livresca, com a qual o leitor-usuário está familiarizado. Saemmer (2015, p. 56) observa que “o software utilizado para a escrita digital pretende efetivamente reger a imagem do texto e incorpora, através das propostas de formatação, uma certa concepção do texto”¹³.

Després-Lonnet (2020) destaca que existe uma intenção na disposição arquitextual do texto de acordo com uma certa formatação, que se dá em vista de imaginários e práticas sociais e escritas relacionadas ao uso. Para ela, a modalidade de formato encontra um projeto de uso

¹² Un texte [...] est également le creuset d’une énonciation collective derrière laquelle s’affirment des fonctions, des corps de métier, des individus..., et où fatalement se nouent des enjeux de pouvoir.

¹³ Les logiciels utilisés pour l’écriture numérique entendent effectivement régir l’image du texte, et incarnent à travers les propositions de mise en forme une certaine conception du texte et de sa lecture soutenue par des logiques industrielles.

que faz com que a atualização se efetue em vista da intercompreensão entre a proposição e sua atualização em uso real. Dessa forma, o texto como unidade informacional ganharia sentido para o usuário e suas necessidades. O texto é algo que é perceptível ao sentido. “É texto porque nós o definimos socialmente como texto”¹⁴, sustenta Després-Lonnet (2020, p. 5).

Para Després-Lonnet (2020), o “fazer texto” se desenvolve em dois níveis: de um lado, o do arquitexto, a ferramenta técnica que produzirá o texto, e de outro, o do leitor e de suas ações que constituirão o texto.

Destaca-se neste ponto a noção de *textiel*, cuja concepção une software e texto. Ele designa os textos/ferramentas, mas também os textos/códigos, salienta Després-Lonnet (2020). Assim, para dar conta da combinação entre o linguístico e o técnico da composição do texto, a noção de *textiel* é, conforme a autora, oportuna.

A ideia de *textiel* incorpora também a concepção de que o texto ganha sentido no contexto de um programa de atividades. Explicam Davallon, Noël-Cadet e Brochu:

A leitura inicia a ação – o ato de clicar e continuar – e, por sua vez, a ação inicia a leitura posterior. O texto, portanto, intervém diretamente na realização do programa de atividades; e isso porque associa o leitor ao seu próprio funcionamento. É esse tipo de texto, ao mesmo tempo uma máquina tecnossemiótica e um operador de ação, que poderia ser chamado de *textiel*.¹⁵ (DAVALLON; NOËL-CADET; BROCHU, 2003, p. 47)

Para Després-Lonnet (2020), o software está programado para permitir a quem o usa agir no computador, e o texto designa tanto quem lê como quem usa ou pode, por assim dizer, ter permissão para agir. Para ela, isso parece evidenciar o funcionamento textual operativo das escritas digitais que, ao combinarem uma parte linguística e uma parte técnica, solicitam o envolvimento ativo do leitor na composição de um texto. Després-Lonnet (2020) vê nisso uma forma de reciprocidade: a leitura exige ação e a ação permite a leitura (ativando, exibindo outros textos).

Davallon, Noël-Cadet e Brochu (2003) destacam que o *textiel*

¹⁴ Et c’est un texte parce que c’est nous qui, socialement, le définissons comme texte.

¹⁵ La lecture enclenche l’action – le fait de cliquer et de continuer – et, en retour, l’action enclenche la poursuite de la lecture. Le texte est donc ainsi intervenu directement dans la réalisation du programme d’activité; et ce, parce qu’il associe le lecteur à son propre fonctionnement. C’est ce type de texte, à la fois machine technosémiotique et opérateur d’action, qui pourrait être appelé un *textiel*

solicita, dessa forma, o envolvimento ativo do leitor na composição de um texto. Para os autores,

Esse tipo de texto [o *textiel*] atrai fortemente o leitor e pede-lhe que participe do próprio funcionamento do dispositivo: ele deve passar de uma página a outra, fazer escolhas entre as possíveis; ou até mesmo ativar o aparelho para produzir o texto quando ele usa um mecanismo de busca, por exemplo. Em contrapartida, este texto é capaz de se adequar à prática do usuário¹⁶. (DAVALLON; NOËL-CADET; BROCHU, 2003, p. 49)

O fazer-texto postulado por Paveau (2015) realiza-se, dessa forma, no conceito do *textiel*, que, para Després-Lonnet (2020), evidencia o envolvimento ativo do leitor na composição de um texto.

O arquiteito cria a página web e sua organização em blocos combinatórios e modulares de escrita, oferecendo elementos clicáveis para o agir do leitor, o chamado *escreleitor*, aquele que, no ato de clicar, num “enunciado de gesto” (BOUCHARDON, 2011), aciona e combina os módulos que existem como potencialidade, seja no nível mais amplo (a página inteira) até o nível mais micro dos blocos que a compõem, conforme descreve Goyet (2017): “uma página da web pode ser dissociada em módulos remobilizáveis e personalizáveis de acordo com os contextos de uso”¹⁷ (GOYET, 2017, p. 330).

Després-Lonnet chama a atenção para o fato de que a página web funciona como uma “metaestabilização arquiteitual” (DESPRÉS-LONNET, 2020, p. 4), pois, embora não consiga delimitar precisamente a globalidade e a profundidade do site, é ali que o *escreleitor* encontra os índices para seu agir. O *textiel* oferece potencialidades (escrever, passar para outra página, iniciar a visualização de um vídeo, clicar sobre um botão). Isso permite ao leitor saber “onde” ele está, possibilitando situar os escritos em contextos sociais, que são, para Després-Lonnet (2020), formas de estabilização das quais temos necessidade para fazer alguma coisa com esses textos.

As várias noções que aqui se apresentaram e as implicações derivadas para o estudo do texto digital apontam para a necessidade de, ao pensarmos as noções de texto e textualidade digital, considerarmos

¹⁶ Ce type de texte [textiel] sollicite fortement le lecteur et lui demande de participer au fonctionnement même du dispositif: il doit passer d’une page à l’autre, faire des choix entre des possibles ; voire, activer le dispositif pour produire le texte lorsqu’il utilise un moteur de recherche par exemple. En contrepartie, ce texte est capable de s’intégrer dans la pratique de l’utilisateur.

¹⁷ [...]une page web est dissociable en modules remobilisables et personnalisables selon les contextes d’utilisation.

as consequências que o traço de composicionalidade do tecnodiscurso acarreta. Nas considerações a seguir, procuramos apresentar algumas dessas repercussões.

Considerações finais

A partir da exposição de noções desenvolvidas por teóricos que contemplam o texto digital, arrolamos, a seguir, algumas ideias que pensamos fundamentais na concepção de texto digital ou *textiel* e que têm algum impacto na construção de abordagens de análise textual em ambiente conectados:

- Uma questão inicial, já destacada por Cotte (2004), é o de que os dispositivos técnicos – as ferramentas informáticas – são constitutivos da escrita digital e não acessórias. Este é um fator relevante, cremos, pois explicita algumas noções básicas relacionadas ao texto digital, como as de tecnologia discursiva e ecologia digital. A tecnologia discursiva, considerada como o “conjunto dos processos de uso discursivo da língua em um ambiente digital” (PAVEAU, 2021, p. 363), vincula-se à noção de *textiel*, que prevê a integração da dimensão tecnolinguageira pela enunciação editorial, que formata o texto na tela. Também a noção de ecologia digital se destaca, pois, em rede, o agente tecnológico, responsável pela materialização das formas, se encontra no ecossistema digital, participando ativamente da organização arquitetural.

- A explicitação do papel da enunciação editorial como organizadora das formas das páginas *web* e dos *widgets* evidencia a necessidade de considerar a espessura do texto digital, que possui camadas não visíveis aos olhos do leitor-usuário, mas que têm função determinante na gestão dos processos de escrita e leitura. Afinal, o texto em tela só existe devido à formatação organizada pelo arquitexto.

Aqui se salientam duas questões que consideramos substanciais: de um lado, o fato de que as ferramentas do arquitexto modelam a página *web* e a organizam para um usuário-leitor agir sobre as formas clicáveis, “fazendo” o texto. De outro, a consideração de que as formas composicionais exigem a participação ativa do leitor-usuário, que coloca em operação o texto conforme seus interesses e práticas de leitura. O leitor-usuário torna-se esrileitor, ou seja, o leitor “faz” seu texto, ainda que seu percurso de leitura seja possibilitado pela organização editorial, que prevê, numa organização relacional, a

dimensão hipertextual.

– Também se destaca, entre as ideias relacionadas à enunciação editorial e ao *textiel*, a organização modular propiciada pelas forma-texto dos *widgets*, as quais são acionadas pelo leitor-usuário de acordo com suas intenções de uso. A ideia de organização do texto em blocos combinatórios e modulares de escrita postulada por Goyet (2017) é bastante pertinente para responder ao caráter manipulável dos textos, parecendo-nos um caminho de investigação e de aplicação produtivo.

– O *textiel* e as camadas de textos que se revelam pela enunciação editorial mostram que, na escrita e leitura digital, existe relação intrínseca entre o dispositivo tecnológico, o corpo do leitor-usuário e a materialidade textual. O arquitexto exige a ação – o enunciado de gesto do leitor-usuário – para fazê-lo funcionar.

– A concepção de texto, que incorpora um hibridismo multissemiótico, marcado, por exemplo, pelos *widgets*, impõe a ampliação da noção de texto, reunindo as dimensões gráfica, icônica – animada e ou fixa –, auditiva (som). O elemento clicável é um “nó tecnossemiótico”¹⁸ (Goyet, 2017, p. 376), o que implica a necessidade de uma abordagem semiótica, que permite (co)construir o sentido com bases na combinação das várias linguagens que se apresentam simultaneamente no mesmo espaço virtual. Este tem elementos tecnográficos que consubstanciam um produto final da postagem.

– A exposição do que caracteriza o *textiel* revela a relação indissociável de texto e tecnologia e a elaboração plural do texto, numa junção de agentes humanos e não humanos. Há várias instâncias enunciativas numa página web, e analisar um texto digital passa por compreender essa dimensão polienunciativa. Dessa forma, os mecanismos de coesão textual são afetados, pois a ideia de um produtor textual antropocentrado e que tem domínio exclusivo sobre a escrita se dilui.

O *textiel*, objeto ao mesmo tempo languageiro e técnico, manipulável e inscrito numa rede de relações, exige, portanto, um olhar diferenciado da linguística de texto interessada no estudo do texto digital nativo.

Finalmente, propomos empregar o termo *infotexto* para nos referirmos, em língua portuguesa, ao *textiel* e a sua complexidade tecnolinguageira.

¹⁸ un noeud techno-sémiotique.

Referências

BACHIMONT, Bruno. **L'intelligence artificielle comme écriture dynamique: de la raison graphique à la raison computationnelle**. In: PETITOT, J.; FABBRI, P. (Orgs.). *Au nom du sens*. Paris: Grasset, 2000, p. 290-319.

BOUCHARDON, S. **Des figures de manipulation dans la création numérique**. *Protée*, n. 39, 2011, p. 37-46.

CANDEL, E.; JEANNE-PERRIER, V.; SOUCHIER, E. **Petites formes, grands desseins. D'une grammaire des énoncés éditoriaux à la standardisation des écritures**. DAVALLON, J. (dir.). *L'économie des écritures sur le web*, Hermès-Lavoisier, 2012, p. 165-201.

CHARLEAUX, L. CMS: o que é e como usar um Content Management System? *Tecmundo*, 2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/215235-cms-usar-content-management-system.htm>. Acesso em 25 set. 2021.

COTTE, D. Écrits de réseaux, écrits em strates. Sens, technique, logique. *Hermès* 39, 2004, p. 109-115.

COTTE, D. **Sauts technologiques et ruptures dans les modes de représentation des connaissances**. Étude du texte numérique comme objet technique. Tese de doutorado. Universidade de Lille 3, 1999.

DAVALLON, J; NOËL-CADET, N.; BROCHU, D. **L'usage dans le texte: les « traces d'usage » du site Gallica**. In: DAVALLON, J. et al. *Lire, écrire, récrire: Objets, signes et pratiques des médias informatisés*. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 2003, p. 25-54. Disponível em: <https://books.openedition.org/bibpompidou/394>. Acesso em 13 ago. 2021.

DESPRÉS-LONNET, M. **Aux origines du textiel**. Entretien avec Marie Després-Lonnet, *Corela*, HS-33, 2020, p. 1-10. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corela/11756>; DOI: <https://doi.org/10.4000/corela.11756>. Acesso em: 25 ago 2021.

FABRO, C. **O que é API e para que serve. Cinco perguntas e respostas**. *TechTudo*, 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/06/o-que-e-api-e-para-que-serve-cinco-perguntas-e-respostas.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2021.

GAIATO, K. **O que é widget?** *Canaltech*, 2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/software/o-que-e-widget/>. Acesso em: 22 set. 2021.

GOYET, S. **De briques et de blocs**. La fonction éditoriale des interfaces de programmation (API) web: entre Science combinatoire et industrie du texte. Tese de doutorado. Universidade Laval, Universidade Paris-Sorbonne, 2017.

JEANNE-PERRIER, V. **L'écrit sous contrainte: les Systèmes de management de contenu (CMS)**. In: *Communication et langages*, n°146, 2005, p. 71-81. Disponível em: https://www.persee.fr/docAsPDF/colan_0336-1500_2005_num_146_1_3379.pdf. Acesso em 13 ago 2021.

JEANNERET, Y et al. **Formes observables, représentations et appropriation du texte de réseau**. In: DAVALLON, J. et al. *Lire, écrire, récrire: Objets, signes et*

pratiques des médias informatisés. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 2003, p. 55-103. Disponível em: <https://books.openedition.org/bibpompidou/394>. Acesso em 13 ago. 2021.

JEANNERET, Y., SOUCHIER, E. **L'énonciation éditoriale dans les écrits d'écran**. *Communication et langages*, n. 145, 2005, p. 3-15.

JEANNERET, Y.; SOUCHIER, E. **Pour une poétique de l'écrit d'écran**. *Xoana*, n. 6, 1998, p. 97-107.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. São Paulo, Edusc, 2012.

MAYEUR, I.; PAVEAU, M.-A. **Présentation. Les devenirs du texte numérique**. *Corela*, n. 33, 2020 p. 1-18.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PAVEAU, M.-A. **En naviguant en écrivant. Réflexions sur les textualités numériques**. ADAM, J.-M. *Faire Texte*. Frontières Textuelles et Opérations de textualisation. Paris: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2015, p. 337-353.

PAVEAU, M.-A. L'écriture numérique. Stardartisation, délinearisation, augmentation. *Fragmentum*, n. 48, jul-dez, 2016, p. 13-36. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23296>. Acesso em: 14 jan. 2020.

SAEMMER, A. **Rhétorique du texte numérique: figures de la lecture, anticipations de pratiques**. Villeurbanne: Presses de l'enssib, 2015

SOUCHIER, E. **L'image du texte. Pour une théorie de l'énonciation éditoriale**. *Cahiers de médiologie* 6, 1998, p. 137-145.

SOUZA, I. **O que WordPress, para que serve e principais segredos desvendados**. *Rockcontent*, 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/wordpress/>. Acesso em 12 ago. 2021.